

**Entre Encontros e Desencontros:  
produção de sentidos de masculinidades negras em *Moonlight*<sup>1</sup>**

Davi Carlos Acácio<sup>2</sup>  
Wendencley Alves Santana<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**RESUMO**

Este estudo analisa os atravessamentos discursivos do personagem Chiron, de *Moonlight*, seus processos de identificação, encontros, desencontros, filiações de sentido e contradições. Parte, para isso, da Análise de Discurso, disciplina que põe o Simbólico – as relações de sentido - em confronto com o político – as relações de poder – tomando como lócus de observação diversas materialidades significantes. No caso em questão atentamos para a composição de gestos, imagens, palavras e silêncios etc. do personagem na produção de sentidos de masculinidades negras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Chiron, discurso, masculinidades negras, materialidades.

**1. SENTIDOS DE SILÊNCIO: UMA QUESTÃO DISCURSIVA**

A Análise do Discurso<sup>4</sup> manifesta o entendimento de que os sentidos podem ser estabelecidos a partir do confronto entre o simbólico e o político, observados em quaisquer que sejam as materialidades significantes. Apesar de a língua ter um papel de base para a maior parte das análises discursivas, a AD vem mostrando nas últimas décadas um renovado interesse em trazer para o seio da análise os modos de funcionamento próprios a outras linguagens. É o que fazemos aqui, ao seguir o que afirma Lagazzi:

a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais, em composição contraditória. Uma materialidade remete a outra, movimento no qual a não-saturação e o desajuste constitutivo do encontro de especificidades materiais distintas permite o jogo da interpretação. (LAGAZZI, 200-?, p.2)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gênero, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM – UFJF). Email: davicarlosacacio@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor associado I da Faculdade de Comunicação da UFJF, graduação e mestrado (linha mídias e processos sociais). Email: wendencley@gmail.com

<sup>4</sup> Também tradicionalmente abreviada por AD

---

As marcas significantes, que não necessariamente tangenciam o verbal, serão aqui chamadas de materialidades significantes. Nesta perspectiva, matéria é aquilo suscetível à forma (ORLANDI, 2017). Considera-se também no âmbito das materialidades significantes os gestos, musicalidade, imagens, o silêncio, etc.

Reduzido por vezes à falta de palavra, o silêncio, por não ser visível, é relegado ao vazio, ao “sem-sentido”. “O nosso imaginário social destinou um lugar subalterno para o silêncio” (ORLANDI, 2007, p.35). No entanto, a Análise do Discurso de linha francesa não se ancora na perspectiva trazida anteriormente; para a AD o silêncio não é a ausência de sons ou palavras, mas princípio fundante de toda significação (ORLANDI, 2007), ou seja, para a autora “o silêncio é a própria condição de produção de sentido (ORLANDI, 2007, p.68)

A concepção de silêncio, como condição de significação, traz a incompletude – constitutiva da linguagem em relação ao sentido. Fundamental para o entendimento dos processos discursivos, essa perspectiva busca compreender a incompletude da linguagem – a não estabilidade dos sentidos, senão provisória, e a não univocidade de significação, senão graças a efeitos ideológicos. Assim, para falar, “o sujeito tem necessidade de silêncio, um silêncio que é fundamento necessário ao sentido e que ele reinstaura falando” (ORLANDI, 2007, p.69).

Ainda que fundante, o silêncio é sempre contínuo e estabelecido como fronteira da linguagem. Contínuo, o silêncio aparece no momento que antecede o dizer, é iminente tanto na relação entre o dito e o não-dito: para se dizer x é necessário não dizer y; quanto nas palavras enunciadas – presumindo o que se pode dizer, além de aparecer como elipse – que dá sentido à incompletude.

Há diversas formas de significar o silêncio na história, no social ou no político. Além disso, ele assume múltiplas significações: “o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, o da introspecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, o do exercício do poder, o da derrota da vontade, etc.” (ORLANDI, 2007, p.42). Neste sentido, pode-se dizer que o silêncio é polissêmico. Os silêncios.

Orlandi (2007), além da noção de silêncio fundador, traz a campo a *política do silêncio*, destacada sob duas formas na percepção da autora: silêncio constitutivo e silêncio local

a diferença entre o silêncio fundador e a política do silêncio é que a política do silêncio produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz, enquanto o silêncio fundador não estabelece nenhuma divisão: ele significa em (por) si

mesmo.

Determinado pelo caráter fundador do silêncio, o silêncio constitutivo pertence à própria ordem de produção de linguagem. Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o anti-implícito. [...] É o não dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar. [...] Podemos dizer, generalizando, que toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis, o que mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis: contradição inscrita nas próprias palavras. Como parte da política do silêncio nós temos, ao lado do silêncio constitutivo, o *silêncio local*, que é a manifestação mais visível dessa política: a da interdição do dizer. (ORLANDI, 2007, p.73/74).

Interessa aqui, os desdobramentos que partem da política do silêncio citada por Orlandi (2007), em especial os entendimentos advindos do que a autora chamou de silêncio local. Uma das manifestações que remetem a interdição do dizer é a censura. “Consideramos a censura em sua materialidade linguística e histórica, ou seja, discursiva” (ORLANDI, 2007, p.75).

A censura é marcada em sua funcionalidade por relações de força, de repressão e opressão; “proíbem-se certas palavras para proibirem certos sentidos. [...] Como no discurso, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos ‘lugares’, ou melhor, proíbe-se certas ‘posições’ do sujeito” (ORLANDI, 2007, p.76). A interdição que marca o silêncio o coloca numa condição diferente de materialidade significante em relação a linguagem. Não se trata então de considerar o silêncio enquanto implícito. “A concepção de implícito remete a algo não dito, mas que, por ser transparente, seria inteligível, seria um acréscimo ao verbal, que se pode recuperar e traduzir mesmo verbalmente” (TFOUNI, 2008, p.355).

Neste sentido, a interdição é o dispositivo que antecipa o movimento de enunciação; como já colocado anteriormente: toda vez que algo é dito, algo também é silenciado. Assim, a partir da ilusão do sujeito em ser a origem de seu enunciado, pode haver a interdição da possibilidade de se enunciar algo que é barrado pelo imaginário que constitui o político, o social ou a história. Aquilo que poderia ser dito a qualquer momento é censurado ou silenciado, é a interdição que trabalha neste movimento que metaforiza os sentidos do silêncio.

Dentro da multiplicidade de sentidos que o silêncio oferece, usando a Análise do Discurso como dispositivo de análise para trabalhar sobre o objeto proposto, procurar-se-

á perceber os deslocamentos do silêncio nos acontecimentos discursivos que marcam o objeto de análise.

## **2. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DAS MASCULINIDADES NEGRAS NO OCIDENTE**

Pensar masculinidades como “uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas” (CONNEL e MESSERSCHMIDT, 2013, p.257) nos permite ponderar sobre as condições de produção dos discursos e sentidos de masculinidades negras.

Na perspectiva discursiva proposta por Michel Pêcheux (1995), o autor toma as proposições: “só há prática através de e sob uma ideologia”; “só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos”, para o entendimento teórico. Pêcheux afirma o funcionamento da ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos, processo que se dá através do complexo de formações ideológicas – onde o interdiscurso se faz presente -, cujo sujeito encontra o lugar do simbólico.

Em sua leitura de Althusser, Pêcheux (1995) ressalta a ideologia dominante no contexto das lutas de classes e a forma como a classe dominante trata o outro designa subordinação. Derivamos dessa questão, o problema a assimetria fundada no processo colonizador – a assimetria em relação ao outro, tradicionalmente marcada na constituição do sujeito eurocêntrico-colonizador, relega ao outro um lugar objetual. Como bem observa Kilomba (2019):

Enquanto o sujeito negro se transforma em inimigo intrusivo, o branco torna-se vítima compassiva, ou seja, o opressor torna-se oprimido e o oprimido, o tirano. Esse fato é baseado em processos nos quais partes cindidas da psique são projetadas para fora, criando o chamado “Outro”, sempre como antagonista do “eu” (self). Essa cisão evoca o fato de que o sujeito branco de alguma forma está dividido dentro de si próprio, pois desenvolve duas atitudes em relação à realidade externa: somente uma parte do ego – a parte “boa”, acolhedora e benevolente – é vista e vivenciada como “eu” e o resto – a parte “má”, rejeitada e malévol – é projetada sobre a/o “Outro/a” como algo externo (KILOMBA, 2019, p.35-37)

A reivindicação da benevolência e civilidade em detrimento do outro, afim da formação de uma condição de alteridade, nos mostra como o racismo é uma tecnologia de poder eficaz para o exercício da soberania (ALMEIDA, 2019).

---

No constructo das relações de poder, entendo a masculinidade como fator determinante para a constituição de poder, em nível hierárquico, subsumindo um poder soberano. bell hooks (2019) nomeia categoricamente uma masculinidade que tem como característica a heterossexualidade, o patriarcado e a supremacia branca. Evidentemente, numa sociedade cujo acúmulo incessante de capital é valorizado sob a condição de poder, o capital financeiro alia-se ao ideal ocidental descrito por hooks.

A partir da sistematização dicotômica, quase maniqueísta sob viés racial, observamos as condições de produção das masculinidades negras no Ocidente. Pensando o conceito de masculinidade descrito por hooks (2019) como um ideal moral, ético e estético de masculinidade construído historicamente. Numa perspectiva discursiva, esta seria como o sujeito universal da ideologia dominante:

desse modo, é a ideologia que, através do “hábito” e do “uso, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de “desvios linguisticamente marcados entre a constatação e a norma. (PÊCHEUX, 1995, p.159-160).

A condição da masculinidade apresentada no esteio da formação ideológica dominante – que determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 1999) – sob a afirmativa de Pêcheux (1995) ao dizer que é a ideologia “fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ [...], evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’”. (PÊCHEUX, 1995, p.160). Como já trazido anteriormente, a interpelação pela ideologia transforma os indivíduos em sujeitos e, a formação ideológica implica cada sujeito à sua realidade (PÊCHEUX, 1995). O discurso de masculinidade que representa a ideologia dominante construído historicamente, estabiliza um sentido único e ideal ao “ser homem” contemporâneo.

Não se trata de escamotear as considerações de Lacan por Pêcheux em seu trabalho sobre uma teoria dos sujeitos, onde o conceito lacaniano de “real” é de extrema importância para entender aquilo que escapa ao simbólico. No entanto, “apesar de atravessado pela memória do dizer, esse processo de subjetivação provoca um efeito de imaginária transparência da realidade, como se o interdiscurso não existisse” (BECK; ESTEVES, 2012, p.139). Assim, as condições de produção dos discursos de masculinidades negras ficam estreitas em um processo sócio-histórico, cujo racismo e o ideal de masculinidade são estruturantes das relações de sociabilidade e da constituição de sentidos para os sujeitos.

---

Sob um olhar interseccional, considerando uma hierarquia nas relações e na constituição de sentido de gênero e raça; numa perspectiva de gênero, “homem” condiciona e detém o poder, enquanto nas tratativas racializadas, a negritude é o lugar da subalternidade. Cabe, então, a pergunta feita por Fanon (2008):

Que quer o homem? Que quer o homem negro? Mesmo expondo-me ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem. Há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos. O homem não é apenas possibilidade de recomeço, de negação. Se é verdade que a consciência é atividade transcendental, devemos saber também que essa transcendência é assolada pelo problema do amor e da compreensão. O homem é um SIM vibrando com as harmonias cósmicas. Desenraizado, disperso, confuso, condenado a ver se dissolverem, uma após as outras, as verdades que elaborou, é obrigado a deixar de projetar no mundo uma antinomia que lhe é inerente. O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo. (FANON, 2008, p. 26)

Poderia-se apontar sistematicamente o homem negro numa condição de entre-lugar, um lugar intertiscial. Entretanto, não se trata de categorizar homem negro enquanto categoria universal ao ponto de encaixá-lo numa definição única; porém o entendimento das formações ideológicas e, evidentemente, do imaginário, para compreender futuramente os atravessamentos dos sujeitos à serem ouvidos.

O imaginário está no nível das representações. Aquilo que é coerente, claro e define uma completude são instâncias do imaginário (ORLANDI, 1999). Algumas definições logradas ao lugar objeto fazem parte da formação imaginária social sobre o homem negro. A hipersexualização, subalternização, marginalização e violência são processos que metforizam os sentidos de homem negro no imaginário social. A imaginação ocidental, o olhar disruptivo que enclausura os corpos de homens negros à esses esteriótipos.

É certo que <<o Negro>> não é somente um objecto imaginário, mas também um homem imaginário. [...] Originalmente, o vocábulo <<homem negro>> serve, primeiro, para descrever e imaginar a diferença africana. É indiferente que <<preto>> designe escravo, enquanto <<negro>> se refira ao africano ainda não escravizado. A partir da época do tráfico de escravos, particularmente, é o seu presumível vazio de humanidade que identifica essa diferença. A cor, deste ponto de vista, não passa do sinal exterior de uma indignidade nata, de uma degradação primordial. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, o epíteto ou o atributo <<negro>> caracterizam esse vazio inaugural. Nesta época, o termo <<homem negro>> é atribuído a uma espécie de homem que, embora seja homem, não merece o nome de homem. [...] A expressão <<homem negro>> é também o nome que se dá ao polígamo, cujo temperamento e miséria tendem para o vício, pra a indolência, para a luxúria e para a mentira (MBEMBE, 2014, p.129-130).

---

Entre as representações de hiperssexualização, onde corpos de homens negros são metonimizadas tal qual um “pênis ambulante e insaciável” e violência, discurso que advém do período colonial dos EUA, no qual, segundo hooks (2003) a imaginação branca definira homens negros enquanto canibais que desejavam mulheres brancas, conseqüentemente eram fichados como estupradores, o que legitimava que fossem linchados. “Isso promoveu a imagem do afro-americano como demônio sexual, ao mesmo tempo que o negava a masculinidade<sup>5</sup>” (hooks, 2003, p.64). Em meio às formações ideológicas dominantes sobre masculinidade e negritude, é necessário pensar as condições de produção que as perpetuam, tal qual o excesso de trabalho – sintoma do capitalismo; a inscrição no discurso da masculinidade dominante afim de mimetizar formas de poder.

Ao fio e ao cabo, as representações de homens negros na história é estruturada pelo racismo. Se tratando do ecossistema midiático, evidentemente, ele não criou os estereótipos pejorativos, mas ajuda a perpetuá-los. Com bem nos diz hooks : “assistindo à tv, eles veem que garotos negros frequentemente são garotos maus, bons ou ruins, eles são os caras que morrem no final<sup>6</sup>” (hooks, 2003, p.117-118).

Retomamos, neste ponto, o “real do discurso” como princípio de reflexão da constituição do sujeito na análise do discurso. O real é a descontinuidade, a incompletude, a falta, o equívoco (ORLANDI, 1999).

Se o próprio do discurso e do sujeito é sua incompletude, sua dispersão, e que um texto seja heterogêneo pois pode ser afetado por distintas formações discursivas, diferentes posições de sujeito, ele é regido pela força do imaginário da unidade, estabelecendo-se uma relação de dominância de uma formação discursiva com outras, na sua constituição (*ibidem*, p.72).

Chega-se aqui com a percepção de como a força do imaginário e as formações ideológicas regem o discurso sobre masculinidades e negritude. À luz das condições de produção propostas neste capítulo, o presente trabalho busca analisar os efeitos de sentido de masculinidades negras no filme *Moonlight* (2017), tomando como objeto de análise principal o jovem Chiron. A partir da narrativa de vida de Chiron, a análise pretende buscar entender como os discursos e sentidos de masculinidades atravessam Chiron e como ele se significa a partir destes atravessamentos e como significa masculinidades.

---

<sup>5</sup> It promoted the image of the Afro-American male as a sexual fiend, and at the same time it denied all manhood to him. (hooks, 2003, p.64).

<sup>6</sup> Watching television he sees that black males are most often the bad guys, and whether bad or good they are the guys who die young.

---

### 3. *MOONLIGHT* – SOB A LUZ DO LUAR

Semblante cabisbaixo, olhar desconfiado, distante, à procura de um horizonte, gestos limitados e o silêncio dão a tônica aos modos de significar-se do personagem Chiron no longa *Moonlight – Sob a Luz do Luar* (2016), longa estadunidense dirigido por Barry Jenkins.

A trama permite acompanhar Chiron por três partes de sua vida: a infância (período em que atende pelo apelido de Little), adolescência (nesta fase o próprio nome é enunciado quando chamado por outros) e adulta (quando é conhecido como Black). Chiron é um jovem negro, homossexual que cresce na periferia de Miami, marcada pela pobreza, violência e tráfico de drogas. Visto como diferente pelos colegas de bairro e renegado pela mãe, o personagem estabelece sentidos sobre si em relação a masculinidades e sexualidade neste cenário. Cercado por uma infinidade de conflitos durante a sua vida, as mudanças de nome que o identificam em fases diferentes de sua vida trazem questionamentos se falamos da mesma pessoa ao longo da trama.

Uma coisa é evidente no longa e são condições de produção determinantes para como o indivíduo se estabeleça enquanto sujeito: trata-se de homem negro homossexual, que durante a infância tem conflitos com os colegas de bairro pela forma como significa o corpo em suas relações de troca. Longe do imaginário que lança luz ao estereótipo do homem negro – representações de força e violência que sintetizam o macho -, Chiron é um garoto doce, delicado, que não gosta, nem se diverte com as brincadeiras ríspidas praticadas por seus colegas. Por isso é perseguido.

O silêncio é a materialidade significativa que marca Chiron. É pelo silêncio que, na maioria das vezes, o personagem se significa e estabelece sentido. É importante observar como a forma de se significar pelo silêncio é produzida. Em casa, por sua mãe, Chiron é reprimido por gritos e maus tratos, muito em função da sensibilidade que apresenta, ao passo que a mãe, em função do uso excessivo de drogas, potencializa sua forma violenta. Outra forma de repressão é identificada em sua relação com os garotos do bairro, onde a forma como Chiron significa seu corpo é refutada, toda a linguagem é bloqueada por ser, naquele ambiente, indesejada. São marcas explícitas de censura.

Assim concebida, a censura pode ser compreendida como a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas. Consequentemente, a identidade do sujeito é imediatamente afetada enquanto sujeito-do-discurso, pois, sabe-se (Pêcheux, 1975), a identidade resulta de processos de identificação

---

segundo os quais o sujeito deve-se inscrever em uma (e não em outra) formação discursiva para que suas palavras tenham sentido. Ao mudar de formação discursiva, as palavras mudam de sentido (ORLANDI, 2007, p.76)

Num ambiente no qual um imaginário de masculinidade é sedimento, sendo a masculinidade hegemônica (CONNEL, 1995) o ideal produzido, qualquer outro sentido que possa romper esse discurso arquitetado sob uma falsa sensação de completude, é censurado.

Little consegue se manifestar verbalmente, podendo dizer o que se pode dizer, em dois ambientes durante o longa: com seu amigo Kevin e com Joan, apelidado Blue, além da esposa do mesmo. Blue aparece na vida de Little quando percebe que ele está sendo perseguido por colegas do bairro e se tranca numa casa. A partir dali um começa a fazer parte da vida do outro. Little frequenta a casa de Blue, ouve conselhos do mais velho e de sua esposa.

Blue é a representação do estereótipo do homem negro. Alto, forte, impõe respeito pela posição que ocupa no bairro como traficante de drogas. Se, nessa parte a posição-sujeito no discurso das masculinidades pode ser definida como sinônimo da representação estereotipada, por outro lado, quando os discursos são outros, essa posição se metaforiza. Esse deslocamento fica evidente em sua relação afetiva com Little.

Sentados de frente para o mar, Blue fala da força dos negros no mundo e conta de sua infância e juventude em Cuba, traçando semelhanças entre ele e Little - que mantém os olhares atentos em seu mentor. Neste momento, a seguinte enunciação proferida por Blue chama a atenção: “uma hora você terá que decidir quem será, não deixa que decidam por você.” Little permanece em silêncio, mas com um olhar representativo de quem parece estar contemplado ao ouvir aquilo. A composição contraditória entre as materialidades significantes – silêncio, olhar, gestos – logram sentido a Little. Como já trazido, o silêncio é a fronteira da linguagem. No momento em que é atravessado pelos dizeres de Blue, Little estabelece sentido em silêncio, o olhar é a materialidade mais evidente que significa a atenção e concentração naquilo que é ouvido.

A composição corporal de Chiron na adolescência não sofre grandes mudanças. Segue um garoto franzino, introspectivo, com olhar que se esquia e se entrelaça com outras materialidades.

A adolescência de Chiron é marcada por diversas nuances. O jovem já não tem mais fisicamente a presença de Blue<sup>7</sup>, mas segue frequentando sua casa e vendo Teresa.

---

<sup>7</sup> O filme não explicita como e porque o personagem morre. Os sentidos estão no campo do implícito.

---

Chiron também vive sua primeira experiência sexual, que acontece com Kevin, um amigo de infância. Este momento é marcado por um diálogo entre os dois, mas, o que mais chama a atenção, é a composição da pele preta de Chiron sob a luz do luar, em contraste com a areia da praia, que realça sua pele, seus traços e seu olhar. Aquele olhar que ressoa significar sempre. As contradições entre gestos, sonoridades e o silêncio compõe um momento de prazer no qual Chiron materializa seu desejo e torna-se objeto de desejo do outro. O outro em quem confia e entrega.

Ainda que experimentada, a sexualidade segue sendo uma questão. A masculinidade hegemônica, que suprime outros sentidos de masculinidades, segue sua relação de força ao censurar o que não deve (não pode) ser significado. Chiron segue sendo alvo de violências homofóbicas, de xingamentos à violência física. A violência caracterizada pela disputa de poder tem como alvo o corpo de Chiron, não para simplesmente supliciá-lo, mas sim, para adestrá-lo (FOUCAULT, 2012); numa perspectiva discursiva pode-se descrever isto como a manifestação das relações de força e sentidos, no qual a confrontação ideológica se faz presente (ORLANDI, 2007).

O ápice do sofrimento físico, que faz Chiron sangrar por fora e por dentro, acontece quando é brutalmente espancado por Kevin a mando de Terrel. Kevin fora desafiado, sua masculinidade estava em jogo, não queria passar pelas mesmas situações de violência que Chiron. Então cumpre. Kevin atende o chamado sintetizado pelo dizer “seja homem”, o qual hooks (2019) sugere ser o chamado a perseguir um ideal estreito e violento de masculinidade.

Com o rosto desfigurado, Chiron banha seu rosto com água e gelo em uma pia. Abaixa a cabeça, cobre o rosto com gelo, levanta a cabeça e vê seu rosto desfigurado frente ao reflexo do espelho. O movimento se repete. O olhar que se entrelaça com os gestos sutis que parecem encontrar um caminho atípico até o momento na trama. Efeitos de sentido das condições de produção daquele sujeito.

Chiron retorna à escola ainda com o rosto desfigurado. A postura é visivelmente diferente. Peito estufado, pisada firme e respiração ofegante. O olhar se mostra predestinado a algo, focado. O silêncio segue como marca significativa, ao passo que a linguagem corporal também significa. Chiron encontra Terrel e o apunhala pelas costas com uma cadeirada.

A reação de Chiron é ruptura, resposta à toda opressão sofrida até então. Resposta à dor e ao sofrimento de ter que sofrer espoliações das mãos do homem que designava

seu afeto em nome de uma estrutura estreita e corrosiva de masculinidade. É paradoxal que para extravasar a violência, Chiron reaja com violência, pois assim se inscreve numa posição até então indesejada por ele, mas insistida e aguçada por outros ao longo da trama. Chiron parece rejeitar a inscrição na formação discursiva que tangencia respeito e violência à formação imaginária de masculinidade permitida ao homem negro até quando “dá”. A censura, limitação do lugar de se significar livremente, acaba apreendendo Chiron na única posição-sujeito passível de respeito, a que associa o homem negro à força e a violência. O lugar para significar e dar sentido à masculinidade é estreito e singular. Após abater Terrel, Chiron é detido por policiais.

A primeira cena que retrata a vida adulta de Chiron começa com o agora adulto, emergindo seu rosto após lavá-lo numa pia. Repetindo o que havia sido feito quando teve seu rosto desfigurado pela violência sofrida. O corpo já não é mais franzino. Chiron agora porta um biotipo musculoso, semelhante ao de Blue. Chiron, agora atende como Black, e, assim como Blue, também é um traficante de drogas. Espanta pela imagem e semelhança entre Blue e Black.

A mesma coroa dourada exposta no painel do carro de Blue, está presente no veículo de Black, os dentes revestidos de ouro, o brinco de diamantes na orelha. Tudo é semelhante. Blue se faz fisicamente presente em Black. Os rastros franzinos do adolescente Chiron parecem não existir mais, mas as materialidades significantes manifestadas pelo olhar, a sutileza dos gestos e o silêncio ainda são visíveis, mesmo sobre o corpo imponente e torneado.

As condições de produção das masculinidades negras a partir de um ideal hegemônico e estreito direcionam os modos de se significar enquanto sujeito, sob limitados processos de identificação. O sujeito se constitui dessa forma no tecido de evidências subjetivas, que marcam a relação acontecimento, memória e censura. Os acontecimentos que produziram sentidos censurados são marcados na memória que aprisiona esses sentidos (ORLANDI, 2017). Há um limite de significação. E este limite, como já trazido, é estreito.

“Little, Chiron, Black. Três nomes para um mesmo sujeito. Três momentos da vida de um mesmo sujeito. Mas podemos, de fato, afirmar que se trata de um mesmo sujeito?” (LAGAZZI, 2017). Sobre a pergunta de Lagazzi (2017) pode-se afirmar que são diferentes posições-sujeito de um mesmo sujeito nos discursos sobre masculinidades.

---

Como bem lembra Lagazzi (2017), de *Little a Black*, os caminhos foram traçados por memórias em contradição, imbricados num trajeto de busca (LAGAZZI, 2017). Ao lançar mão da violência, do papel de traficante e do corpo forte como artefatos que o tornam Black, o dizer de Blue ressoa: “não deixem decidir quem você será.” As condições de produção decidiram, de certa forma, o que Chiron deveria ser. E ele o faz a imagem da representação de força e lucidez que teve, performando e seguindo os passos de Blue.

Quando Black recebe uma ligação de Kevin e vai ao seu encontro, um movimento de sentidos traz à tona a incompletude daquela representação de masculinidade estreita. Ao ver Black e ouvir do mesmo que tinha se tornando traficante, Kevin diz “Esse não é você Chiron.” O silêncio de Chiron volta a se entrelaçar com aquele olhar desviante e gestos sutis, agora em um corpo musculoso. As materialidades significantes aparecem como o real do sujeito nesta hora. Chiron não nega a afirmativa de Kevin, apenas gesticula e responde com uma pergunta: “Por que me ligou?”

A pergunta se faz mais pelo olhar que pelo verbal. O olhar anseia por resposta. Até Kevin dizer sobre uma música que tocou no bar que trabalha, que o fez lembrar de Chiron. Ambos não se viam desde que Chiron foi detido. O diálogo entre os dois segue, mas com poucas palavras e longas pausas, o silêncio entre as falas é constitutivo para o movimento dos sentidos. Talvez ambos não ouviram o que queriam, mesmo entre os vinhos. Kevin diz estar com saudades, Chiron conta à Kevin que ele foi o único que o tocou em toda a sua vida. Silêncio, troca de olhares que insistem em se esquivar e poucos gestos. O limite estabelecido por uma masculinidade estreita não permitem enunciações verbais de dois homens negros que se gostam ao se reverem depois de tanto tempo.

O silêncio é mordaca que asfixia e censura a possibilidade de enunciação neste momento, fruto de uma historicidade da masculinidade negra e as condições de produção no ocidente que a reduziram a um ideal de um sujeito-sintoma de uma masculinidade paradoxalmente estreita e exagerada, que oferece compensação que afaga a miséria de outros conflitos na exigência de uma postura rígida e forte, que censura outras formas de significar nos discursos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise percorre o trajeto de um sujeito em busca de sua identidade, enclausurado pela censura enquanto condição de produção de um discurso de

masculinidade que bloqueia sentidos outros de masculinidades. Como homossexual Chiron é enclausurado neste lugar, convivendo com violências, dúvidas e incertezas.

O silêncio é a materialidade que o acompanha e entrelaça junto a outras materialidades significantes (gestos, olhares, pausas entre falas) em seus processos de significação. Por vezes, o silêncio introspectivo de Chiron, é o mesmo silêncio da censura, que impõe o que deve e o que não deve ser dito. No entanto, “como silêncio significa em si, à ‘retórica da opressão’ – que exerce silenciamento de certos sentidos – responde a ‘retórica da resistência’, fazendo esse silêncio significar de outros modos” (ORLANDI, 2007, p.85).

A compreensão das condições de produção das masculinidades no ocidente é fundamental para observar os movimentos de sentidos que atravessam Chiron, a incompletude simbólica e, conseqüentemente, a falsa ilusão de completude de um discurso de masculinidade. Ao passo que a masculinidade estreita e, paradoxalmente, exagerada, limita os sentidos de masculinidades, uma pergunta se faz necessária para entender a relação entre o real e o imaginário do discurso: com a possibilidade de remover este ideal de masculinidade do sujeito, o que sobre? Neste sentido, colocando Black como sujeito enunciado da pergunta, pode-se dizer que sobra Chiron.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AMBRA, P. **O que é um homem?** Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente. São Paulo, SP: Annablume, 2015.

BECK, M; ESTEVES, P.M.S. **O sujeito e seus modos – identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação**. Macéio, AL. Leitura, 2012, p.135-162

CONNELL, R.W. **Masculinities: knowledge, power and social change**. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, 1995.

CONNEL, R.W.; MESSERSCHMIDT J.W. **Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito**. Florinapólis, SC. Estudos Feministas. 2013, p. 241-282.

FANON, F. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2008

hooks, b. **Olhares Negros: raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019

---

\_\_\_\_\_. **We Real Cool: Black Men and Masculinity.** New York: Routledge, 2004.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação.** Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro, RJ: Cobogó, 2019.

LAGAZZI, S. **Trajetos do Sujeito na Composição Fílmica in Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia.** Campinas, SP: Pontes, 2017

\_\_\_\_\_. **A Equivocidade na Imbricação de Diferentes Materialidades Significantes.** Campinas, SP. Unicamp, 20--?

MOONLIGHT: Sob a Luz do Luar. Direção de Barry Jenkins. 2016. (110 min.), son., color.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra.** Lisboa: Antígona, 2014.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos,** 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999

\_\_\_\_\_. **As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução: Eni P. Orlandi, Lourenço Filho, Manoel Corrêa, Silvana Serrani. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1995.

TFOUNI, F.E.V. **O Interdito e o Silêncio: Duas Abordagens do Impossível na Linguagem.** Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 8, n.2, mai/ago. 2008.